

DOENÇAS E PARASITOS TROPICAIS NA EXPANSÃO INTERIOR DO IMPÉRIO COLONIAL PORTUGUÊS NA AMÉRICA: O CASO DAS MONÇÕES NO SÉCULO XVIII

TROPICAL DISEASES AND PARASITES IN INTERIOR
EXPANSION OF PORTUGUESE COLONIAL EMPIRE IN
AMERICA: THE MONSOON CASE IN THE 18TH CENTURY

Marlon Marcel Fiori
Christian Fausto Moraes dos Santos
Rafael Dias da Silva Campos
Universidade Estadual de Maringá

Correspondência:

Programa de Pós-Graduação em História
Av. Colombo, 5790 – Jardim Universitário
Maringá – Paraná – CEP: 87020-900

E-mail: marlonfiori@gmail.com / chrfausto@gmail.com / rafael_diascampos@hotmail.com

Resumo

Indígenas hostis, animais peçonhentos, conservação dos suprimentos e perigos físico-geográficos têm sido descritos pela historiografia como os grandes obstáculos no trajeto das monções no século XVIII. Com base nos relatos de viajantes e na literatura médica sobre o tema, este artigo investiga as doenças e parasitos tropicais que afligiam os monçoeiros, por meio do contato com mosquitos e carrapatos. Sugerimos que doenças e parasitos foram obstáculos tão desafiadores quanto aqueles abordados pela historiografia.

Palavras-chave: Monção; Doenças e Parasitos Tropicais; Século XVIII..

Abstract

Hostile natives, poisonous animals, conservation of supplies and physical-geographical hazards have been described by historiography as the major obstacles on the way of the monsoon (*monções*) in the eighteenth century. Based on travelers' reports and medical literature on the subject, this article investigates the tropical diseases and parasites that afflicted the travelers (*monçoeiros*), due to contact with mosquitoes and ticks. We suggest that diseases and parasites were challenging obstacles such as those addressed by historiography.

Keywords: Monsoon, Tropical Diseases and Parasites; Eighteenth century..

Embarcados [...] neste Porto,
o que de vós espero é que façais como Católicos,
levando as contas da Alma justas,
porque desde que deres princípio a tão fúnebre viagem,
até chegar a estas minas do Cuiabá,
adverti que corre a vossa vida muitos riscos
Francisco Palácio¹

O termo monções se refere, nesse artigo, às viagens que, no século XVIII, geralmente partiam de São Paulo, cruzavam o interior do Império colonial português, na América, em direção às minas de Cuiabá. Os riscos do trajeto dessas viagens eram consideráveis. Os perigos mencionados pela historiografia envolvem a existência de animais peçonhentos, as dificuldades de transporte e conservação de suprimentos em um ambiente quente e úmido, os inúmeros acidentes físico-geográficos que podiam arruinar as embarcações e matar os viajantes, bem como os constantes ataques das etnias Paiaguá e Guaicuru. Tudo isso fazia do trajeto das monções uma viagem perigosa, onde o extremo cansaço físico era recorrente e as mortes frequentes.

Porém, um aspecto pouco conhecido das monções, especificamente, e da expansão Oeste do Império português na América, em geral, diz respeito às doenças e parasitos tropicais que constantemente acometeram os viajantes. Com base na literatura médica sobre o tema e nos registros históricos produzidos pelos próprios viajantes e funcionários a serviço da Coroa portuguesa, esse artigo analisa os obstáculos e, principalmente, as doenças tropicais que afligiam os monçoeiros, devido ao contato com mosquitos e carrapatos. Acreditamos que as enfermidades e parasitos tropicais podem ter sido tão desafiadores quanto os obstáculos comumente mencionados pela historiografia, embora tenham sido, em certa medida, relegados a segundo plano. Assim, esta pesquisa pode vir a ter, ainda, um interesse geral sobre a história das doenças e parasitos tropicais na expansão interior do Império colonial português na América, objeto de estudo ainda pouco explorado e conhecido.

Historiografia e trajeto nas Monções

No início do período moderno, o Império português era composto por domínios coloniais na Ásia, África, Oceania e América. Na América portuguesa, partindo de núcleos de povoamento próximos à costa do oceano Atlântico, os primeiros colonizadores a adentrar o interior da colônia portuguesa na América, buscavam riquezas minerais e os chamados *negros da terra*², ou seja, indígenas capturados para serem ven-

¹ PALÁCIO, Francisco. Roteiro da viagem para as Minas do Cuiabá que fez Francisco Palácio no ano de 1726. *Documentos e Monumentos*, v. 3, n. 1, p. 101-126, 2010, p. 105.

² MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens e São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

didados para o trabalho escravo. Esse era o intuito de Pascoal Moreira Cabral, que, ao percorrer as regiões de Mato Grosso e Cuiabá, em 1719, encontrou ouro e fundou um núcleo de povoamento para garimpar a região³.

Com a propagação da notícia dos descobrimentos das minas de Cuiabá, muitos mineradores, homens de negócios e burocratas da coroa se encaminharam para áreas no interior da América portuguesa, no território que atualmente se localiza a região Centro-Oeste do Brasil, nomeadamente o Estado de Mato Grosso. Esse movimento, denominado de monção, foi formado por expedições que, através da rota fluvial que comunicava os portos do rio Tietê às minas de Cuiabá, transportavam os migrantes, que se arriscavam à sorte de garimpar nos sertões, e negociantes, que abasteciam os mineradores estabelecidos nos novos arraiais da fronteira Oeste da América portuguesa. Com a liberação da navegação pelo rio Madeira, no início da década de 1750, expedições com fins comerciais também uniram Belém do Pará aos centros mineradores de Cuiabá, percorrendo cerca de três mil quilômetros através da rota Madeira-Mamoré-Guaporé. Tais expedições eram conhecidas como *monções do Norte*⁴.

Há três aspectos, entre as tradicionais rotas das Monções no oceano Índico, que podem ter influenciado na escolha desse mesmo termo para designar as expedições fluviais que partiam para as minas do Cuiabá, através do interior da colônia portuguesa na América. O primeiro aspecto diz respeito à existência de uma estação apropriada para a navegação⁵. No oceano Índico, os navegantes aproveitavam-se das correntes de vento das monções que, de novembro a março, sopram de nordeste para sudoeste e, de maio a setembro, no sentido inverso. Para facilitar a navegação dos rios das Capitânicas de São Paulo e Mato Grosso, os monçoeiros, normalmente, aproveitavam-se das enchentes e cheias dos rios, o que geralmente determinava que as canoas partiam dos portos do rio Tietê entre os meses de março a junho⁶. Um segundo aspecto, diz respeito às distâncias e tempo necessários para perfazer os trajetos. Para chegar às minas do Cuiabá os monçoeiros percorriam, durante cerca de seis meses, aproximadamente três mil e seiscentos quilômetros; uma distância tão longa e demorada quanto o percurso de Lisboa à Goa ao redor do cabo da Boa Esperança⁷. O último aspecto diz respeito aos perigos e dificuldades que perpassaram ambas rotas de transporte e comércio. Tanto na navegação pelo Índico, quanto nas viagens pelo interior da América

³ COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Estação Liberdade; Kosmos, 1999, p. 180-181.

⁴ BOXER, Charles Ralph. *The golden age of Brazil, 1695-1750: growing pains of a colonial society*. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1962, p. 263; REZENDE, Tadeu Valdir Freitas de. *A conquista e a ocupação da Amazônia brasileira no período colonial: a definição das fronteiras*. 2006. 336 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p. 268-273.

⁵ SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; MOTTA, Lucio Tadeu; GONÇALVES, José Henrique Rollo. Estratégia e adaptabilidade alimentares na América portuguesa do Século XVIII: Alguns casos monçoeiros. *Diálogos*, v. 14, n. 2, p. 273-286, 2010, p. 275.

⁶ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 76.

⁷ BOXER, Charles Ralph. *Op. cit.*, p. 261.

portuguesa, a escassez de alimentos e as dificuldades de conservação, os ataques indígenas (Brasil) e de piratas (Índico), bem como as doenças, foram alguns dos fatores aos quais os tripulantes, partissem eles de Porto Feliz ou dos portos da costa leste da África ou no sul da costa da Ásia, estavam constantemente expostos.

O trajeto das monções não era fácil. Não bastasse a topografia a transpor, abundavam no ambiente natural do interior da América portuguesa “animais selvagens, insetos venenosos, cobras e uma flora perigosa ao homem (e, em sua maior parte, desconhecida dos europeus)”⁸. Nas monções, a fadiga física extrema, o naufrágio de embarcações e a perda de provisões faziam parte de um árduo cotidiano. Mas não era somente o ambiente hostil que impunha obstáculos aos objetivos dos monçoeiros. O historiador Leslie Bethell⁹ notou a inadequação de muitos tripulantes, despreparados física e psicologicamente para as monções, na medida em que a logística elaborada, a fim de transportar água e víveres, não previa as constantes intempéries.

Embora parte da tripulação fosse despreparada para o trajeto das monções, a análise de Bethell pouco menciona o fato de que as embarcações eram lideradas por homens experientes na travessia de rios ainda não cartografados. Nas canoas, as cargas eram acomodadas na parte central da embarcação, seguindo, no espaço da proa o *piloto*, *proeiro* e os remadores. Os *pilotos* desfrutavam de uma posição privilegiada, advinda de seu domínio das técnicas adquiridas durante anos de navegação e observação dos movimentos das águas¹⁰. Os *proeiros* deveriam ter considerável importância, tendo em vista que não só possuíam a chave do caixão de mantimentos e boticas, mas também ditavam o compasso das remadas com o bater do calcanhar no casco das embarcações¹¹.

Quanto aos remadores, compunham-se, predominantemente, por indígenas, apesar da crescente quantidade de negros escravizados e mamelucos que, paulatinamente, passaram a ocupar a posição menos privilegiada na hierarquia da tripulação monçoeira¹². Eles trabalhavam até a exaustão, pois eram responsáveis por todas as tarefas, das mais fáceis às mais fatigantes. Os remadores das monções, escreveu o escritor e historiador Afonso d’Escagnolle Taunay, teriam sido “vítimas de uma das mais cruéis servidões de que reza a história”, ao qual “difícilmente terá havido galés submetidas a mais duros e estafantes serviços do que tal maruja”¹³. No espaço reservado na popa (porção traseira da embarcação), seguiam os demais membros da tripulação que, genericamente, podemos chamar de *passageiros*.

⁸ BETHELL, Leslie. *Colonial Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984, p. 198.

⁹ Idem, p. 198; 200.

¹⁰ KOK, Glória. *O Sertão Itinerante: expedições da capitania de São Paulo no século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 60-61; BOXER, 1962, p. 263.

¹¹ ALMEIDA, Francisco José Lacerda e. *Diário da viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas capitânicas do Pará, Rio Negro, Matto-Grosso, Cuyabá, e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790*. São Paulo: Typ. de Costa Silveira, 1841, p. 83.

¹² KOK, Glória. *Op. cit.*, p. 62.

¹³ TAUNAY, Afonso de E. *Relatos Monçoeiros*. Belo Horizonte; São Paulo: Itatiaia; Edusp, 1981, p. 66.

As monções foram comumente interpretadas como uma continuação do processo histórico das bandeiras¹⁴. O historiador Sérgio Buarque de Holanda, representante mais significativo desta perspectiva historiográfica, considerava que as monções eram, ainda que com certas ressalvas, um prolongamento da história das bandeiras paulistas em sua expansão para o interior da colônia portuguesa na América e alargamento das fronteiras. Para ele, teriam sido os territórios percorridos por Bartolomeu Bueno (o segundo Anhanguera), Pascoal Moreira Cabral e Fernando Dias Falcão as últimas grandes bandeiras ao interior da colônia. Essas últimas bandeiras, que culminaram no descobrimento das novas minas de Cuiabá e Goiás, teriam resultado no entroncamento histórico de ambos os movimentos. Ou seja, nas monções enquanto um prolongamento da história das bandeiras¹⁵.

A perspectiva abordada por Holanda seguiu uma tradição historiográfica que tendeu a exaltar as ações da população paulista no contexto da história brasileira. Tanto Sergio Buarque de Holanda, quanto Afonso de E. Taunay, Basílio de Magalhães e Washington Luiz, indicou o historiador Luis Henrique Menezes Fernandes, “buscaram demonstrar através da pesquisa histórica a importância de São Paulo para a formação do Brasil”¹⁶. De modo semelhante, Ana Cláudia Brefe notou a defesa, por parte de Taunay e Holanda, de uma importância do papel paulista na construção do Estado Nacional brasileiro¹⁷.

Relativamente pouco utilizada pela historiografia brasileira, a perspectiva de Leslie Bethell diverge, até certo ponto, daquela proposta por Holanda. Bethell relaciona a posição geográfica da capitania de São Paulo enquanto fator facilitador da penetração paulista nas monções. Segundo ele, circunstâncias geográficas teriam favorecido o acesso à Mato Grosso pelos paulistas e habitantes da região costeira do Rio de Janeiro, do mesmo modo que a posição geográfica de Minas Gerais a fez igualmente acessível aos paulistas e baianos¹⁸. Menos idealizada, a análise de Bethell não relaciona a preponderância de paulistas, na expansão para o interior da colônia portuguesa na América, a uma suposta característica bandeirantista/aventureira ou mesmo a uma predisposição dessa população ao pioneirismo.

Durante as primeiras monções, na década de 1720, as viagens apresentavam pequenas variações em seu trajeto¹⁹. No entanto, desde a década de 1730, a rota utili-

¹⁴ MORSE, Richard McGee. *The bandeirantes: the historical role of the Brazilian pathfinders*. New York: Knopf, 1965; BAKEWELL, Peter John. *A history of Latin America: empires and sequels, 1450-1930*. Oxford: Bakewell Publishing, 1997.

¹⁵ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.*, 2000, p. 43-44; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 160-161.

¹⁶ FERNANDES, Luis Henrique Menezes. Ação metropolitana e sertanistas na incorporação das minas de Cuiabá e Goiás à capitania de São Paulo durante o governo de Rodrigo Cesar de Menezes (1721-1728). *Revista de História Regional*, v. 15, n. 2, p. 129-158, 2010, p. 136.

¹⁷ BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *O Museu Paulista: Affonso de Taunay e a memória nacional 1917-1945*. São Paulo: Edunesp, 2005, p. 250-251.

¹⁸ BETHELL, Leslie. *Op. cit.*, p. 200.

¹⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.*, 2000, p. 57-59.

zada iniciava a viagem pelo rio Tietê até o rio Paraná, entrando através do rio Pardo até o varadouro de Camapoã. Caminho descoberto pelos irmãos João e Lourenço Leme, Camapoã era o ponto de contato e travessia mais próximo entre as bacias do rio Paraná e Paraguai. Nessa paragem foi estabelecida uma fazenda por volta de 1728, onde os monçoeiros podiam abastecer os mantimentos e obter informações sobre os rios que ainda teriam de enfrentar²⁰. Em seguida, as embarcações eram conduzidas por terra até o rio Coxim, atingindo os rios Taquari, Porrudos – atualmente chamado de São Lourenço –, Paraguai e, por fim, o rio Cuiabá²¹.

Desde Camapoã, os monçoeiros deveriam se precaver dos ataques dos indígenas que habitavam a região, em especial, as etnias Guaicuru e Paiaguá. Os primeiros, conhecidos por suas habilidades como cavaleiros, aprenderam a fazer uso do ferro e a domar e montar cavalos devido ao contato com os espanhóis. Quanto aos Paiaguá, distinguiam-se pela mobilidade em suas ágeis canoas e por sua técnica de camuflagem nas águas. Esta técnica se resumia no emborcamento das canoas, ficando os Paiaguá ao abrigo delas, dando a parecer que as mesmas estivessem abandonadas ou naufragadas. Quando os monçoeiros se aproximavam, para ver o que havia acontecido, eram surpreendidos pelos nativos. Aliadas, estas duas tribos ofereceram forte resistência à expansão colonizatória ao interior da América portuguesa, pois juntas tornaram-se praticamente imbatíveis²². De acordo com o historiador Leslie Bethell, a resistência dos Guaicuru e Paiaguá pode ser medida pela quantidade de monçoeiros que estas etnias aniquilaram: cerca de 1.000 monçoeiros mortos pelos Paiaguá nas monções de 1725 e 1730, e aproximadamente 4.000 mortes causadas pelos Guaicuru até o ano de 1795²³.

O transporte e a conservação de suprimentos foi mais um problema de relevo para os monçoeiros. As técnicas de conservação europeias, tradicionalmente empregadas eram, muitas vezes, incompatíveis ao ambiente quente, úmido e pululante de microrganismos dos trópicos²⁴. Além disso, sobretudo nos primeiros anos das viagens, as paragens disponíveis para abastecimento eram raras. Ainda que os monçoeiros pudessem se valer dos recursos alimentares da fauna e flora, a natureza nem sempre era generosa com estes homens²⁵.

²⁰ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.*, 2000, p. 89.

²¹ SILVA, Valdevez Antonio da. *Os fantasmas do rio: um estudo sobre a memória das monções no vale do médio Tietê*. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004, p. 23.

²² COSTA, Maria de Fátima. Entre Xarai, Guaikurú e Payaguá: ritos de vida no Pantanal. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio dos Santos (Org.). *Os senhores dos rios*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, p. 63-91; CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. Los 'señores de los rios' y sus alianzas políticas. *AIBR - Revista de Antropología Iberoamericana*, v. 42, 2005, p. 1-17.

²³ BETHELL, Leslie. *Op. cit.*, p. 200.

²⁴ SANTOS, Christian Fausto Moraes dos; MOTTA, Lúcio Tadeu; GONÇALVES, José Henrique Rollo. *Op. cit.*, p. 275; HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.*, 2000, p. 105-115.

²⁵ TAUNAY, Afonso de E. *Op. cit.*, p. 72-80.

Os ataques de etnias indígenas hostis e um ambiente desafiador para os viajantes (animais peçonhentos, dificuldade com transporte e conservação de suprimentos devido ao ambiente quente e úmido, perigos físico-geográficos que podiam destruir as embarcações e matar os viajantes, despreparo físico e mental) têm sido descritos pela historiografia como os principais problemas enfrentados pelos monçoeiros. Doenças e parasitas tropicais, no entanto, têm ocupado pouco ou quase nenhum espaço enquanto fatores complicadores das monções e da expansão interior da América portuguesa. Investigamos as doenças e parasitas tropicais aflagiam os monçoeiros a partir de seu contato com insetos e ácaros, como mosquitos e carrapatos. Acreditamos que doenças e parasitas tropicais podem ter sido tão desafiadores quanto os obstáculos comumente mencionados pela historiografia.

Doenças e parasitas tropicais no trajeto das Monções

Os incômodos causados por inúmeros insetos, notadamente mosquitos, ocuparam boa parte dos relatos de viagem dos monçoeiros. No entanto, após superarem a longa e estafante jornada pelo interior da América portuguesa, esses problemas continuavam a se manifestar nos núcleos populacionais do Mato Grosso e Cuiabá. Em 1727, por exemplo, na Vila Real do Bom Jesus do Cuiabá, Gervásio Leite Rabello²⁶, secretário do governador da capitania de São Paulo, Rodrigo César de Menezes, queixava-se que:

O clima [nesta vila] é ardentíssimo sem que com ele possa ter comparação o do Rio do Ian.º [Janeiro; provavelmente], o da cidade da Bahia, e ainda o do Maranhão e Grão Pará; [...] porque em sete anos que estive por estas partes e sertões de Pernambuco, não experimentei os excessivos calores que aqui tenho sofrido, [...] e assim ordinariamente os homens em suas casas [andam] em ceroulas e camisas sem poderem consentir mais roupa alguma [...] as cesões e malinas [sic] são contínuas, e raros os que não padecem principalmente brancos: porque os escravos são os mais livrados neste país²⁷.

Rabello fornece importantes informações sobre as condições de saúde dos habitantes dos núcleos de povoamento mineradores no interior da América portuguesa. As dificuldades de aclimação ao ambiente quente e úmido e a presença de diversos patógenos em um ambiente hostil foram importantes e silenciosos complicadores no processo de interiorização da América portuguesa.

²⁶ RABELLO, Gervásio Leite. Notícia 6ª prática. In: TAUNAY, Afonso de E. *Op. cit.*, p. 103-117.

²⁷ RABELLO, Gervásio Leite. *Op. cit.*, p. 116-117.

Durante sua *Viagem Philosophica* (1783-1792)²⁸, Alexandre Rodrigues Ferreira redigiu uma *Memória*²⁹ intitulada *Enfermidades endêmicas da Capitania de Mato Grosso*³⁰, onde registrou as enfermidades que acometiam os habitantes do Mato Grosso, capitania percorrida pela expedição entre os anos de 1789 e 1792. Nesse estudo, o filósofo natural também discutiu as causas, sintomas, prognósticos e a terapêutica utilizada para o tratamento das enfermidades³¹.

Uma passagem da *Memória* nos permite analisar o sentido empregado por Rabello para os termos “sezões e maleitas”. De acordo com Ferreira, as sezões, também chamadas de maleitas ou febres intermitentes, se caracterizavam por sua “intermissão, ficando os febricitantes livres de febre, por algumas horas ou dias, segundo [...] o gênero, a que ela pertence, porque ou é cotidiana, ou terça, ou quarta”³². Os sintomas descritos por Ferreira correspondem, muito provavelmente, à malária; doença que se caracteriza por períodos regulares de febre. Possivelmente, como demonstram os registros históricos setecentistas, a malária era endêmica no interior da América portuguesa.

Existem quatro tipos de plasmódios causadores da malária humana – o *vivax*, o *falciparum*, o *malariae* e o *ovale*, sendo este último ausente no Brasil e restrito quase, exclusivamente, à África subsaariana e ao Pacífico ocidental³³. A malária é transmitida pelas fêmeas de mosquitos do gênero *Anopheles*, que necessitam sugar o sangue para manter suas funções reprodutivas. Os machos alimentam-se somente da seiva das ár-

²⁸ Para uma discussão sobre a *Viagem Philosophica* ver SIMON, William Joel. *Scientific expeditions in the Portuguese overseas territories (1783-1808)*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, 1983; DOMINGUES, Ângela. *Viagens de exploração geográfica na Amazônia em finais do século XVIII: política, ciência e aventura*. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 1991; RAMINELLI, Ronald. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassalos e governos a distância*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 97-133; MORAES, Eulália A. de.; SANTOS, Christian Fausto M. dos; CAMPOS, Rafael D. da S. *Filosofia Natural lusa: a Viagem Philosophica e a política Iluminista na América portuguesa setecentista*. *Confluente*, v. 4, n. 1, 2011, p. 75-91.

²⁹ Como capitão da *Viagem Philosophica*, Ferreira desembarcou na cidade portuária de Belém do Pará em outubro de 1783, acompanhado de um jardineiro botânico e os riscadores José Joaquim Freire e Joaquim José Codina. Até dezembro de 1792, quando retornou para Portugal, Ferreira percorreu mais de 35 mil quilômetros através de áreas ribeirinhas da Amazônia. Por onde passou, Ferreira preparou uma série de relatórios que eram regularmente enviados à coroa portuguesa. Tais relatórios, denominados de *Participação*, incluíam não só numerosas descrições e apontamentos sobre o mundo natural amazônico, mas ainda informações sobre questões econômicas, políticas e/ou administrativas. Além das *Participações*, Ferreira produziu uma série de anotações separadas sobre variados aspectos da fauna, flora e populações da Amazônia. Naquela época, essas anotações eram denominadas de *Memórias* (MORAES, Eulália A. de.; SANTOS, Christian Fausto M. dos; CAMPOS, Rafael D. da S. *Op. cit.*, p. 84).

³⁰ FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Enfermidades endêmicas da Capitania de Mato Grosso*. In: PÔRTO, Ângela (Org.). *Enfermidades endêmicas da Capitania de Mato Grosso: a memória de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Rio de Janeiro: Fiocruz; Faperj, 2008, p. 25-105.

³¹ ANZAI, Leny Caselli. *Leitura paleográfica comentada de ‘Enfermidades endêmicas da capitania de Mato Grosso: apresentação*. In: PÔRTO, Ângela (Org.). *Op. cit.*, p. 19-22.

³² FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Op. cit.*, p. 71.

³³ COLLINS, William E.; JEFFERY, Geoffrey M. *Plasmodium ovale: Parasite and Disease*. *Clinical Microbiology Reviews*, v. 18, n. 3, 2005, p. 570-581.

vores. O plasmódio se aloja nas glândulas salivares dos mosquitos que, através da picada, o transfere para o sangue humano³⁴.

No organismo, o plasmódio invade as hemácias, multiplicando-se em seu interior e gerando inúmeros outros. Os novos plasmódios atacam outras hemácias, alastrando a infecção. Como o tempo necessário para a sua reprodução no interior das hemácias pode variar de três a quatro dias, esse período determina as chamadas febres “terças” ou “quartãs”, decorrentes da ruptura das hemácias infestadas. Às febres elevadas, acompanham dores pelo corpo, prostração, fadiga, enjoo e calafrios. Além desses sintomas, a destruição das hemácias, pela malária, também acarreta anemia hemolítica³⁵.

O processo de transmissão de doenças, na medicina setecentista, não apreendia os mosquitos enquanto vetores de agentes infecciosos. A noção, geralmente aceita sobre o processo saúde-doença, estava profundamente vinculada à concepção hipocrático-galênica, que compreendia a perfeita saúde como um equilíbrio (homeostase) dos quatro humores do organismo: sangue, pituíta, bile amarela e bile negra. Os doentes apresentariam excesso, carência ou depravação de um ou mais humores, pois as patologias eram decorrentes de seu desequilíbrio. A harmonia do organismo também poderia ser facilmente perturbada por fatores externos. Consequentemente, era preciso estar atento às relações do homem com o ambiente, considerando, por exemplo, as influências de fatores físicos e climáticos³⁶.

Na concepção hipocrático-galênica, como o desequilíbrio humoral era responsável pelas doenças, aos físicos ou cirurgiões cabia a função de reestabelecer sua harmonia. Eles deveriam ajudar a repor o déficit, suprimir o excedente ou recolocar em seu devido lugar o humor ou humores em desarmonia. Para isso, nos dois últimos casos, recorria-se a práticas terapêuticas que incluíam sangrias, purgas, clisteres e ventosas, bem como a receita de mezinhas e boticas que, por meio de sua ação ou faculdade vomitativa, purgativa ou sudorífera, auxiliariam no reestabelecimento do equilíbrio dos humores³⁷.

Além da medicina humoral, o diagnóstico das enfermidades e seus tratamentos, no saber médico setecentista, também foi influenciado pelo saber popular, pela astrologia, magia, crenças sobrenaturais e que atribuíam à ação de Deus as patologias.

³⁴ ANDRADE, Bruno Bezerril; BARRAL-NETTO, Manoel. Biomarkers for susceptibility to infection and disease severity in human malaria. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, v. 106, supl. 1, 2011, p. 70-78; YANG, Hyun M.; FERREIRA, Marcelo U. Assessing the effects of global warming and local social and economic conditions on the malaria transmission. *Revista Saúde Pública*, v. 34, n. 3, 2000, p. 214-222.

³⁵ UJVARI, Stefan Cunha. *A história da humanidade contada pelos vírus, bactérias, parasitas e outros microrganismos*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 104-105.

³⁶ RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo: Hucitec, 1997, p. 73-74; ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-graduação em Saúde Coletiva, 1994, p. 37-39.

³⁷ EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e farmácias: uma história ilustrada da farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006, p. 34-37; 40-41.

Tais concepções abrangiam um amplo leque de procedimentos, tratamentos, boticas e mezinhas por meio dos quais a cura poderia ser obtida. Esse leque englobava, por exemplo, rezas, feitiços, amuletos milagrosos, benzeduras, plantas e partes da anatomia animal a que se atribuíam princípios medicinais³⁸.

Ainda que a medicina setecentista não apreendesse os mosquitos enquanto vetores de doenças, a maioria dos viajantes dedicou, em seus relatos, considerável atenção a esses insetos, afinal, eles realmente podiam sentir na pele os efeitos de suas picadas. O capitão João Antonio Cabral Camelo³⁹, por exemplo, que partiu de Cuiabá em 1730, descreveu, quase quatro anos depois, que no interior da América portuguesa eram tantos os mosquitos que estes não deixavam de importunar “nem de dia, nem de noite um só instante, e sem dúvida foi este um dos maiores trabalhos, que tivemos nesta derrota [Monção]”⁴⁰. Em carta dirigida a Sebastião José de Carvalho e Melo (historicamente conhecido como o marquês de Pombal), sobre a construção de uma feitoria de comércio no rio Guaporé, o governador da capitania de Mato Grosso, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres⁴¹, também mencionou os problemas que os mosquitos acarretavam. No local escolhido para construir a feitoria, notou Cáceres, “o ar he geralmente pouco salutar [..], muito quente e como abafadiço, infestado de mosquitos mais do que em qualquer paragem do mesmo rio Guaporé”⁴².

Entre as várias espécies de mosquitos que acometiam os monçoeiros, o governador da capitania de Mato Grosso, D. Antonio Rolim de Moura⁴³, informou⁴⁴, em 1751, que desde o rio Taquari até o São Lourenço eram estes de “duas castas, uns pernalongos⁴⁵ [...] e os outros a que chamam brancos, que parecem uma aresta; este persegue de noite, e aqueles de dia; e suas picadas deixam bolha e comichão por muito

³⁸ CANOVA, Loiva. Mortes, doenças e remédios em cenas setecentistas. *Revista Estudos Amazônicos*, v. 7, n. 1, 2012, p. 24-64; MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em Boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p.42-43; ABREU, Jean Luiz Neves. Ilustração, experimentalismo e mecanicismo: aspectos das transformações do saber médico em Portugal no século XVIII. *Topoi*, v. 8, n. 15, p. 80-104, 2007, p. 80-81.

³⁹ CAMELLO, João Antonio Cabral. Notícia 2ª prática do que lhe sucedeu na volta, que se fez das mesmas minas para S. Paulo. In: TAUNAY, Afonso de E. *Op. cit.*, p. 133-140.

⁴⁰ CAMELLO, João Antonio Cabral. *Op. cit.*, p. 140.

⁴¹ CÁCERES, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira. Carta de Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres para o marquês de Pombal acerca das vantagens que reunia a zona da barra do rio Mequens com o Guaporé para se erigir uma feitoria de comércio. In: FREYRE, Gilberto. *Contribuição para uma sociologia da Biografia: o exemplo de Luiz de Albuquerque, governador de Mato Grosso no fim do século XVIII*. Cuiabá: Fundação Cultural de Mata Grosso, 1978, p. 333-337.

⁴² CÁCERES, Luiz de Albuquerque de Mello Pereira. *Op. cit.*, p. 336.

⁴³ Sobre D. Antônio Rolim de Moura, governador da capitania de Mato Grosso, entre os anos de 1751 e 1764, ver CANOVA, Loiva. Antônio Rolim de Moura: um ilustrado na capitania de Mato Grosso. *Coletâneas do Nosso Tempo*, v. 7, n. 8, 2008, p. 75-86.

⁴⁴ MOURA, Antonio Rolim de. Relação da Viagem que fez o conde de Azambuja, D. Antonio Rolim, da cidade de S. Paulo para a Vila de Cuiabá em 1751. In: TAUNAY, Afonso de E. *Op. cit.*, p.194-216.

⁴⁵ Costuma-se chamar de pernalongos aos dípteros nematóceros em geral, mais especificamente aos da família Culicidae, também conhecidos por carapanãs e muriçocas (LENKO, Karol; PAPAVERO, Nelson. *Insetos no folclore*. São Paulo: Plêiade; Fapesp, 1996, p. 369).

tempo”⁴⁶. No rio Paraná e seus afluentes, notou⁴⁷ o sargento-mor Teotônio Jozé Juzarte, em 1769, os viajantes tinham de se precaver não só dos ataques de pernilongos, mas também com os de mosquito-pólvora e borrachudos⁴⁸.

A quantidade de mosquitos surpreendeu os viajantes. O próprio sargento-mor Juzarte descreveu que os mosquitos eram “em tanta quantidade que se formam nuvens”⁴⁹. Em 1785, semelhante descrição foi feita pelo juiz de fora de Cuiabá, Diogo de Toledo Lara e Ordonhes⁵⁰, ao mencionar o número de borrachudos no rio Coxim⁵¹. Ordonhes também considerava os borrachudos “venenosos porque além da grande comichão que deixam por muito tempo, incha[va] aquela parte mordida”⁵². O viajante Francisco Palácio, por sua vez, relatou, em 1726, que os mosquitos não deixavam de importunar os viajantes nem mesmo durante as refeições, pois “a cada bocado seu levareis misturado nele, mais dos ditos mosquitos, que cabelos que tendes na cabeça”⁵³.

Os relatos de Antônio Rolim de Moura, Juzarte, Ordonhes e Francisco Palácio demonstram que, além de transmitirem doenças, como as fêmeas do gênero *Anopheles*, os mosquitos castigavam os monçoeiros com picadas dolorosas, importunavam o sono e as refeições. Apesar dos incômodos, os viajantes contavam com poucos recursos para manter os mosquitos afastados.

O mosquiteiro, aparentemente, foi sendo incorporado à bagagem dos monçoeiros no final da década de 1720 e, cerca de trinta anos depois, havia se tornado um recurso de grande importância não só trajeto das monções, mas também nos núcleos populacionais do interior da América portuguesa⁵⁴. Mesmo com a comodidade do seu uso, o mosquiteiro nem sempre foi capaz de conter o ímpeto de alguns dípteros hematófagos. O juiz de fora Ordonhes relatou que, em meio ao incontável número de mos-

⁴⁶ MOURA, Antonio Rolim de. *Op. cit.*, p. 213.

⁴⁷ JUZARTE, Teotônio José. Diário de Navegação do rio Tietê, rio Grande Parana, e rio Guatemi em que se dá Relação de todas as coisas mais notáveis destes rios, seu curso, sua distância, e de todos os mais rios que se encontram, ilhas, perigos, e de tudo o acontecido neste Diário, pelo tempo de dois anos, e dois meses. In: TAUNAY, Afonso de E. *Op. cit.*, p. 231-292.

⁴⁸ Costuma-se designar por mosquito-pólvora os ceratopogonídeos do gênero *Culicoides*, também conhecidos por bembé, marium, miruim ou mosquitinho-do-mangue. Quanto aos borrachudos, trata-se dos dípteros da família Simuliidae, em que algumas espécies encontradas no norte do país (onde são chamados de piuns) podem transmitir oncocercose (LENKO, Karol; PAPAVERO, Nelson. *Op. cit.*, p. 360; 370), doença também conhecida como “cegueira dos rios”.

⁴⁹ JUZARTE, Teotônio José. *Op. cit.*, p. 236.

⁵⁰ Sobre Diogo de Toledo Lara e Ordonhes, nomeado juiz de fora de Cuiabá, em 1784, e seu relato de viagem, escrito no ano seguinte, ver PAPAVERO, Nelson; TEIXEIRA, Dante Martins. *A fauna de São Paulo nos séculos XVI a XVIII, nos textos de viajantes, cronistas, missionários e relatos monçoeiros*. São Paulo, Edusp, 2007, p. 274-275.

⁵¹ ORDONHES, Diogo de Toledo Lara e. Carta de um passageiro de Monção (1785). In: TAUNAY, Afonso de E. *Op. cit.*, p. 217-229.

⁵² ORDONHES, Diogo de Toledo Lara e. *Op. cit.*, p. 227.

⁵³ PALÁCIO, Francisco. *Op. cit.*, p. 124.

⁵⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Op. cit.*, 2000, p. 62.

quitos existentes no rio São Lourenço, havia aqueles que ignorando o mosquiteiro “são tão astuciosos que andam a voar em roda de todo ele até achar alguma pequena abertura para entrarem”⁵⁵. Portanto, se as agruras causadas pelos mosquitos eram motivo de queixa para os passageiros privilegiados, podemos presumir o que acontecia com os remadores. Não podendo dispor do mosquiteiro, os remadores estavam continuamente expostos aos ataques desses insetos.

Além dos mosquitos, como pernilongos, borrachudos e mosquitos-pólvora, o sargento-mor Teotônio Jozé Juzarte mencionou que muitos viajantes também sofriam com “vermes que picando na cútis introduzem dentro um *bicho negro gadelhudo* à semelhança de uma lagarta de couve”⁵⁶. O “bicho” de desenvolvimento subcutâneo, similar a uma lagarta, muito provavelmente se tratava de um tipo de miíase até hoje corriqueira entre habitantes de áreas rurais e de mata. Ou seja, Juzarte se referia ao chamado berne ou dermatobiose.

Denomina-se por berne as larvas da mosca *Dermatobia hominis*, que se desenvolvem subcutaneamente no homem e em vários animais. Por apresentar um comportamento pouco convencional, a mosca do berne é, geralmente, desconhecida pela população. Ela captura mosquitos e moscas em pleno vôo, virando-os de cabeça para baixo e lhes grudando no abdômen uma grande quantidade de ovos. Logo em seguida, a *D. hominis* os deixa livres. Quando em contato com suas presas, para chupar o sangue ou suor, os mosquitos foréticos fazem com que os ovos de *D. hominis* entrem em contato com a pele do hospedeiro, onde as larvas se desenvolvem. Passado o período de maturação, a larva abandona o hospedeiro, cai no solo, empupa e transforma-se em adulto. As populações rurais do Brasil costumam, ainda hoje, extrair o berne através da asfixia, geralmente colocando um pedaço de toucinho sobre o ferimento onde se encontra a larva. Por não conseguir respirar, a larva atravessa o toucinho e abandona a pele da vítima⁵⁷.

Tal procedimento é, até hoje, importantíssimo, não somente porque permite a retirada da larva de *D. hominis* do membro parasitado. Mas, principalmente, porque a larva é, deste modo, extraída inteira. Qualquer método que não envolva a asfixia da larva, antes de sua retirada, pode acarretar em sérios riscos à pessoa parasitada. Como possui pelos com função preênsil pelo corpo, a larva de *D. hominis* resiste a qualquer procedimento de extração por pressão. Ao mesmo tempo, como digere seu hospedeiro vivo, a *D. hominis* causa profundo desconforto, muita coceira e alguma dor. Não é difícil imaginarmos um monçoeiro menos experiente desesperando-se ao perceber que tem, devidamente alocado em seu braço ou couro cabeludo, um parasito com alguns centímetros de comprimento. O ato de coçar-se freneticamente ou, ainda, de tentar

⁵⁵ ORDONHES, Diogo de Toledo Lara e. *Op. cit.*, p. 228.

⁵⁶ JUZARTE, Teotônio José. *Op. cit.*, p. 236, grifos nossos.

⁵⁷ LENKO, Karol; PAPAVERO, Nelson. *Op. cit.*, p. 355; LINHARES, Arício Xavier. Miíases. In: NEVES, D. P.; MELO, A. L. de; LINARDI, P. M.; VITOR, R. W. A. *Parasitologia Humana*. 11ª ed. São Paulo: Atheneu, 2005, p. 392-393.

extrair a larva com uma faca de caça ou espinho de uma palmácea poderia, literalmente, esfacelar a *Dermatobia hominis* dentro do tecido subcutâneo, fazendo com que os fluídos corporais e vísceras da larva morta entrassem em contato com tecido vivo. A partir daí, os riscos de uma infecção grave ou, até mesmo sepsis, seriam enormes.

Não bastassem os mosquitos e bernes, os viajantes ainda eram obrigados a conviver com as moléstias causadas pelos carrapatos. Em diversos trechos dos rios, os obstáculos impostos pela topografia obrigavam os monçoeiros a abandonar as embarcações e seguir por terra. Essa circunstância, comum no trajeto das monções, era a oportunidade ideal para o ataque de carrapatos. No rio Pardo, o juiz de fora Diogo de Toledo Lara e Ordonhes informou, em 1785, que mesmo os viajantes mais cautelosos não conseguiam evitar os “inoportunos carrapatinhos”, que, em toda parte, apareciam⁵⁸. Cerca de dezesseis anos antes, o sargento-mor Juzarte relatou que sua expedição ao abrir uma picada na mata, para transpor uma cachoeira no rio Tietê, fora atacada por moscas e mosquitos. Contudo, não demorou muito para que Juzarte e seus homens descobrissem algo bem pior que as nuvens de mosquitos sob suas cabeças:

[...] a maior parte dos que passamos por terra nos achamos cheios dos tais carrapatinhos, que despindo-nos, nus nos esfregávamos uns nos outros, uns com bolas de cera da terra, e outros com caldo de tabaco de fumo, as mulheres lá se remediavam umas com as outras, e todos conforme podiam, e permitia a ocasião [...]⁵⁹.

Carrapatos podem ser animais obstinados. A história evolutiva destes pequenos artrópodes os levou a se tornarem parasitos altamente especializados em sugar o sangue de seus hospedeiros e, portanto, difíceis de se livrar. Algo que a expedição de Juzarte sentiu, literalmente, na própria pele. A solução empregada pelos monçoeiros foi a de despirem-se totalmente, enquanto outra pessoa passava por seu corpo uma bola feita de cera da terra, ou seja, cera de abelha jataí (*Tetragonisca angustula*), bem como de outros Meliponíneos (espécies de abelhas sem ferrão) nativos da América portuguesa. Ao entrarem em contato com a bola de cera os carrapatos ficavam colados. Caso não houvesse cera, tentava-se retirá-los por meio de intoxicação. Para isso, era espalhado pelo corpo um caldo preparado de tabaco ou “sarro de pito”, o resíduo de nicotina que restava nas piteiras e cachimbos⁶⁰.

O uso de bolas de cera e de tabaco eram terapêuticas ajustadas aos recursos disponíveis na mata e às situações extremas no trajeto das monções. No entanto, o uso de bolas de cera de abelha, assim como a tentativa de extrair manualmente os carrapatos, podiam acarretar severos problemas. Se durante a remoção o capítulo (projeção cefálica dos carrapatos, equivalente à boca) dos carrapatos ficasse preso na pele, isso debilitaria ainda mais a condição do humano parasitado, podendo causar infecções e a

⁵⁸ ORDONHES, Diogo de Toledo Lara e. *Op. cit.*, p. 226.

⁵⁹ JUZARTE, Teotônio José. *Op. cit.*, p. 246.

⁶⁰ JUZARTE, Teotônio José. *Op. cit.*, p. 236.

formação de granulomas⁶¹. Apesar de eventualmente eliminado pelo sistema imunológico do hospedeiro, a remoção imprópria do capítulo do carrapato poderia provocar ainda irritação alérgica⁶² e até mesmo regurgitação, ampliando a possibilidade de contaminação humana por *rickettsia*⁶³.

O sargento-mor Theotônio José Juzarte foi, provavelmente, um dos primeiros colonizadores a observar e descrever características morfológicas e comportamentais dos carrapatos. No seu relato, alguns detalhes sobre a etologia e morfologia destes animais são fascinantes. Parte dos carrapatos, notou Juzarte, eram pequenos como piolhos de galinha, tendo o hábito de se aglomerarem até formarem bolas do tamanho de nozes. Após formarem as ditas bolas, ficavam pendentes nas folhas das árvores ou no capim alto, à espera de algum animal (incluindo o homem) que se aproximasse. Assim, o mais sutil contato fazia com que os pequenos carrapatos, literalmente, saltassem sob o hospedeiro, procurando o melhor lugar para se alojarem e sugarem o sangue:

[...] há os carrapatos de várias qualidades e de uns miúdos à semelhança de piolhos de galinha que se formam em bolas do tamanho de nozes e estão pendentes nas folhas das árvores que caíndo uma destas sôbre qualquer pessoa o enche de tal sorte, que para se tirarem é preciso despir-se nú, e outra pessoa correr-lhe todo o corpo com uma bola de cera da terra ou esfrega-lo com caldo de tabaco de fumo, ou sarro de pito⁶⁴.

Embora o Brasil possua mais de cinquenta espécies de carrapatos⁶⁵, os artrópodes descritos no relato de Juzarte eram, provavelmente, os carrapatos do gênero *Amblyomma*, particularmente, a espécie *Amblyomma cajennense*. A minúcia com que Juzarte narra o comportamento destes carrapatos impressiona, pois corresponde, de forma consideravelmente precisa, com as descrições etológicas contemporâneas desta espécie. As larvas do *A. cajennense* são popularmente conhecidas por “carrapatinhos” ou “micuins”, as ninfas por “vermelhinhos”, e os adultos por “carrapato-estrela”. A postura das fêmeas pode chegar a até 50 mil ovos⁶⁶, sendo bastante muito comum se de-

⁶¹ ROUPAKIAS, S.; MITSAKOU, P.; AL NIMER, A. Tick removal. *Journal of Preventive Medicine and Hygiene*, v. 52, 2011, p. 40-44; GAMMONS, Matthew; SALAM, Gohar. Tick removal. *American Family Physician*, v. 66, n. 4, 2002, p. 643-646; GRATTAN-SMITH, P. J.; MORRIS, J. G.; JOHNSTON, H. M.; YIANNIKAS, C.; MALIK, R.; RUSSELL, R.; OUVRIER, R. A. Clinical and neurophysiological features of Tick paralysis. *Brain*, v. 120, 1997, p. 1975-1987.

⁶² PITCHES, D. W. Removal of ticks: a review of literature. *Eurosurveillance*, v. 11, n. 33, 2006. Disponível em: <<http://www.eurosurveillance.org/viewarticle.aspx?articleid=3027>>. Acesso em jan. 2014.

⁶³ FLICEK, Barbara Fouts. Rickettsial and other tick-borne infections. *Critical care nursing clinics of North America*, v. 19, n. 1, 2007, p. 27-38.

⁶⁴ JUZARTE, Teotônio José. *Op. cit.*, p. 236.

⁶⁵ COSTA, José Oswaldo; BOTELHO, José Ramiro. Classe Arachnida. In: NEVES, D. P.; MELO, A. L. de; LINARDI, P. M.; VITOR, R. W. A. *Parasitologia Humana*. 11ª ed. São Paulo: Atheneu, 2005, p. 417.

⁶⁶ GRECA, H.; LANGONI, H.; SOUZA, L. C. Brazilian spotted fever: a reemergent zoonosis. *Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases*, v. 14, n. 1, 2008, p. 3-18.

parar com as larvas nas pastagens. Deste modo, o que o sargento-mor Juzarte observou corresponde à etologia das larvas desta espécie que, após a eclosão dos ovos, sobem em grupo pelas gramíneas, arbustos e paredes dos abrigos à espera da passagem de hospedeiros⁶⁷.

Além da irritação causada por suas picadas, muitas vezes de difícil cicatrização, os carrapatos-estrela podem transmitir uma grave doença: a febre maculosa. O agente responsável pela doença é a bactéria *Rickettsia rickettsii*, transmitida aos humanos durante as picadas do carrapato. Esses, ao final do ato hematófago regurgitam parte do alimento ingerido, liberando as bactérias que, através do orifício ocasionado pela picada, podem penetrar na pele do hospedeiro⁶⁸. Devido ao fato deste processo demorar em média de quatro a vinte horas, na maioria dos casos o agente é transmitido pelas picadas das larvas e ninfas do carrapato que, por serem bem menos dolorosas que as dos adultos⁶⁹, costumam passar despercebidas pelo homem, não sendo retirado do corpo antes deste período⁷⁰.

As características clínicas da febre maculosa são febre, dores de cabeça e pelo corpo, apatia, mialgia e máculas⁷¹. Esses sintomas, devido ao seu caráter inespecífico, tornam o diagnóstico difícil, pois são facilmente confundidos com o de outras doenças, gerando diagnósticos diferenciais como a leptospirose, enterovirose, dengue clássico, febre hemorrágica, entre outros⁷². A análise das fontes documentais sugere que a febre maculosa acometia com frequência os monçoeiros, pois, além dos ataques diretos do carrapato-estrela (adulto ou nas fases de larva e ninfa), eles caçavam e consumiam o principal hospedeiro selvagem destes artrópodes: as capivaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*)⁷³.

Em 1751, o governador da capitania de Mato Grosso, D. Antonio Rolim de Moura, descreveu que, no rio Tietê, caçou capivaras, que eram do feitio de “rato, principalmente o da cabeça; o pelo na aspereza é de porco, mas pardo; são do tamanho de um marrão [pequeno porco que deixou de mamar], e o gosto não é bom”⁷⁴. Em

⁶⁷ GRECA, H.; LANGONI, H.; SOUZA, L. C. *Op. cit.*, p. 7.

⁶⁸ MONTEIRO, Caio M. de Oliveira; RODRIGUES, André F. S. Ferreira; GUEDES, Elizangela. Aspectos gerais da febre maculosa brasileira. *CES Revista*, v. 20, n. 1, 2006, p. 133-147.

⁶⁹ VRANJAC, A. Varicela, difteria e febre maculosa: aspectos epidemiológicos no Estado de São Paulo. *Revista de Saúde Pública*, v. 37, n. 6, 2003, p. 817-820.

⁷⁰ MONTEIRO, Caio M. de Oliveira; RODRIGUES, André F. S. Ferreira; GUEDES, Elizangela. *Op. cit.*, p. 140.

⁷¹ GRECA, H.; LANGONI, H.; SOUZA, L. C. *Op. cit.*, p. 11.

⁷² VRANJAC, A. *Op. cit.*, p. 820; GRECA, H.; LANGONI, H.; SOUZA, L. C. *Op. cit.*, p. 11.

⁷³ SOUZA, Celso E.; MORAES-FILHO, Jonas; OGRZEWALSKA, Maria; UCHOA, Francisco C.; HORTA, Mauricio C.; SOUZA, Savina S. L.; BORBA, Renata C. M.; LABRUNA, Marcelo B. Experimental infection of capybaras *Hydrochoerus hydrochaeris* by *Rickettsia rickettsii* and evaluation of the transmission of the infection to ticks *Amblyomma cajennense*. *Veterinary Parasitology*, v. 161, n. 1-2, 2009, p. 116-121.

⁷⁴ MOURA, Antonio Rolim de. *Op. cit.*, p. 201; grifos nossos.

sua descrição do rio Tietê, Manoel Cardoso de Abreu relatou⁷⁵, em 1783, que havia uma grande quantidade de “Capivaras, que são hun’s animais do mesmo feitio dos Porcos, com a diferença do focinho, e pêz, os quais se crião pelas beiradas dos rios: *estando gordas não hé má a sua carne, e magras dá diarreas*”⁷⁶. É interessante atentarmos para o cuidado de Manoel Cardoso para com a compleição física das capivaras capturadas. Uma capivara magra, provavelmente estava acometida de alguma doença que, conseqüentemente, poderia causar intoxicação alimentar em quem a consumisse. A diarreia, como o próprio Cardoso mencionou, é um sintoma típico de intoxicação alimentar.

No seu relato de viagem, o sargento-mor Teotônio José Juzarte relatou que, frente à escassez e dificuldades de conservação dos alimentos, os integrantes de sua expedição tiveram de recorrer à flora e fauna local. Entre os animais que, dramaticamente foram caçados:

[...] já se não perdoava, a Macaco, Capivara, ou qualquer outro bicho, para se comer, porque a ração se diminuía, e a fome apertava, a farinha já ia corrupta pelas umidades, e essa pouca, o feijão também pouco, podre, e já nascendo por conta de muitas umidades, toucinho quase nenhum; nestes termos, além de tantos enfermos que já tínhamos cuidávamos em abreviar a jornada⁷⁷.

Os relatos acima descritos sugerem que as dificuldades de transporte, conservação e estocagem de mantimentos, ao longo do trajeto monçoeiro, faziam com que, muitas vezes, os viajantes recorressem a recursos alimentares silvestres disponíveis para satisfazer a fome, entre eles, as capivaras. Apesar de serem animais selvagens, as capivaras são presas relativamente fáceis de serem caçadas e consideravelmente abundantes nas margens dos rios percorridos até Mato Grosso. Além disso, a relação dos monçoeiros com as capivaras era tão peculiar que não somente as consumiam, mas se valiam delas para experimentações, no mínimo, curiosas. Nos rios Paraguai, Porrudos ou Cuiabá, escreveu Diogo de Toledo Lara e Ordonhes:

Há uma incrível quantidade [de piranhas], e causa divertimento, ao mesmo tempo que me causava horror ver meter algum quarto, ou pedaço de carne de capivara, ou outro qualquer e ver em um instante saírem agarrados na carne bastantes, a darem empuxões; e são tão vorazes, que por experiência que fiz com uma capivara [...], em poucos minutos escarnavam de forma os ossos, que causou-me admiração, fazendo um ruido incrível junto à canoa, onde por uma perna eu tinha mandado atar a capivara⁷⁸.

⁷⁵ ABREU, Manoel Cardoso de. Divertimento Admirável para os historiadores curiosos observarem as machinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas de Cuyabá e Matto Grosso. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, v. 77, n. 2, 1914, p. 125-156.

⁷⁶ ABREU, Manoel Cardoso de. *Op. cit.*, p. 134; grifos nossos.

⁷⁷ JUZARTE, Teotônio José. *Op. cit.*, p. 270.

⁷⁸ ORDONHES, Diogo de Toledo Lara e. *Op. cit.*, p. 222.

A documentação produzida pelos monçoeiros demonstra que o constante contato com as capivaras, espécie endêmica no Pantanal e nos rios do trajeto das monções, pode ter produzido mais que a mera predação homem-capivara. Esse contato pode ter gerado, indiretamente, a relação de parasitismo carrapato-*rickettsias*-homem. Estudos em parasitologia veterinária demonstram que esses roedores atuam como um amplificador de riquetsioses⁷⁹. Deste modo, uma capivara infectada poderia propagar riquetsiose para centenas de outros carrapatos potencialmente transmissores da bactéria. Pesquisadores avaliaram que a capivara possui uma alta taxa de infestação de carrapatos, possivelmente vetores de riquetsioses⁸⁰. Estas informações foram recentemente comprovadas por pesquisa realizada na área de parasitologia veterinária, onde encontraram em média 2.860 carrapatos por capivara⁸¹. Não seria incorreto afirmar que o constante contato dos monçoeiros com as capivaras criou amplas condições para o ataque de carrapatos transmissores da febre maculosa, conferindo um quadro patológico que podia acarretar na morte desses viajantes.

Considerando o ataque de etnias indígenas hostis, os desafios impostos pelo ambiente e as doenças e parasitos tropicais, compreendemos melhor a atemorizadora epígrafe deste artigo, escrita por Francisco Palácio em 1726. De acordo com Palácio, aqueles que quisessem se aventurar nas minas do Mato Grosso não deveriam estar em dívida com Deus, pois, não raras vezes, jamais retornariam.

Conclusão

Alguns fatores complicadores das monções e da expansão interior da América portuguesa, no decorrer do século XVIII, têm sido largamente descritos pela historiografia dedicada tema. Historiadores como Sérgio Buarque de Holanda, Leslie Bethell e Afonso d'Escragnoille Taunay, por exemplo, ressaltaram como os ataques de Paia-

⁷⁹ MIRANDA, J.; CONTRERAS, V.; NEGRETE, Y.; LABRUNA, M. B.; MATTAR, S. Vigilancia de la infección por *Rickettsia* sp. en capibaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*) un modelo potencial de alerta epidemiológica en zonas endémicas. *Biomédica*, v. 31, n. 2, 2011, p. 216-221.

⁸⁰ FORTES, F. S.; SANTOS, L. C.; CUBAS, Z. S.; BARROS-FILHO, I. R.; BIONDO, A. W.; SILVEIRA, I.; LABRUNA, M. B.; MOLENTO, M. B. Anti-*Rickettsia* spp. antibodies in free-ranging and captive capybaras from southern Brazil. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, v. 31, n. 11, 2011, p. 1014-1018; PACHECO, R. C.; HORTA, M. C.; MORAES-FILHO, J.; ATALIBA, A. C.; PINTER, A.; LABRUNA, M. B. Rickettsial infection in capybaras (*Hydrochoerus hydrochaeris*) from São Paulo, Brazil: serological evidence for infection by *Rickettsia bellii* and *Rickettsia parkeri*. *Biomédica*, v. 27, n. 3, 2007, p. 364-371.

⁸¹ PEREZ C. A.; ALMEIDA, Á. F. de; ALMEIDA, A.; CARVALHO, V. H. B. de; BALESTRIN, D. do C.; GUIMARÃES, M. S.; COSTA, J. C.; RAMOS, L. A.; ARRUDA-SANTOS, A. D.; MÁXIMO-ESPÍNDOLA, C. P.; BARROS-BATTESTI, D. M. Carrapatos do gênero *Amblyomma* (Acari: Ixodidae) e suas relações com hospedeiros em área endêmica para febre maculosa no Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária*, v. 17, n. 4, 2008, p. 210-217; QUEIROGAS, V. L.; DEL CLARO, K.; NASCIMENTO, A. R. T.; SZABÓ, M. P. J. Capybaras and ticks in the urban areas of Uberlândia, Minas Gerais, Brazil: ecological aspects for the epidemiology of tick-borne diseases. *Experimental and Applied Acarology*, v. 57, n. 1, 2012, p. 75-82.

guás e Guaicurus, bem como um ambiente repleto de acidentes geográficos (que podiam resultar na perda das embarcações e causar a morte dos viajantes), onde a conservação dos suprimentos era difícil e os animais peçonhentos abundantes foram obstáculos e perigos constantes no trajeto das monções. No entanto, pouca ou quase nenhuma atenção foi dada aos riscos que as doenças e parasitos tropicais significaram para os monçoeiros e, em grande medida, para os habitantes dos núcleos mineradores no interior da colônia portuguesa na América.

Embora alguns estudos tenham percebido os incômodos provocados por mosquitos e carrapatos, não foi realizada uma análise sobre os riscos à saúde dos monçoeiros advindos do contato constante com estes pequenos artrópodes. Mosquitos e carrapatos não foram apenas inconvenientes, eles foram vetores silenciosos, pois a medicina setecentista não os apreendia enquanto portadores de agentes infecciosos, de doenças tropicais potencialmente mortais, como a malária e a febre maculosa, e de parasitos nocivos, como bernês.

Novas pesquisas sobre doenças e parasitos tropicais, no interior da América portuguesa no século XVIII, poderão contribuir, ainda mais, para compreendermos aspectos de saúde-doença mais específicos dessa população.

* * *

Agradecimentos

Agradecemos ao Prof. Dr. Richard de Campos Pacheco pela generosa indicação de referências bibliográficas sobre febre maculosa.

Artigo recebido em 12 de setembro de 2013.

Aprovado em 15 de março de 2014.